

## O pedido de ANA



Uma história.

Minha sogra teve seu primeiro filho e após, abortou cerca de sete vezes. Na oitava vez nasceria minha esposa, mãe de minhas duas filhas.

Nos arcabouços da história humana há sempre invisível a possibilidade do impossível, a coisa maravilhosa, o deslumbramento, a operação milagrosa, a experiência com coisas celestiais. Tão perto de nós.

Há uma história nas Escrituras de uma moça de fé extraordinária.

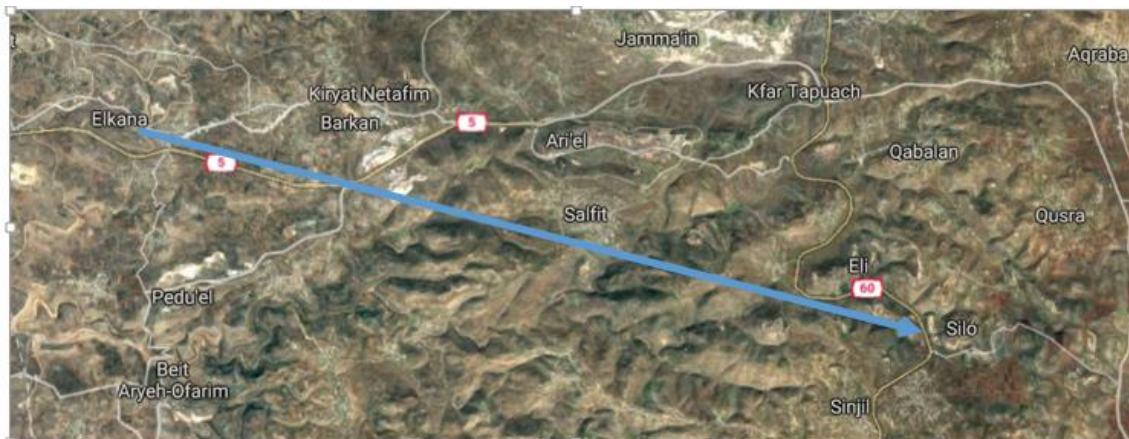
O mundo da antiguidade é dominado pelas deusas da fertilidade. Entendiam que natureza e o ciclo da vida, das sementes às florestas, o milagre da germinação era semelhante ao milagre da gestação. As deusas da fertilidade eram também as deusas dos grãos, das sementes, da cevada, do trigo, dos arrozais. Porque a fertilidade era, como ainda é, a base da sociedade. Sem bebês, uma civilização deixa de existir. Não existia no passado a figura da aposentadoria, os institutos de seguridade. Os filhos eram a única possibilidade de sobreviver, quando as forças para trabalhar deixassem de existir. Era dever dos filhos de todas as civilizações antigas, cuidarem de seus pais. Uma mulher sem filhos era tida muitas vezes como amaldiçoada. A que tinha muitos filhos como agraciada pelos deuses. A esterilidade era vista como o fruto de uma maldição. E gerava ostracismo, gerava zombaria, gerava até mesmo isolamento. As moças que a partir de certa idade não tinham filhos eram desprezadas nas rodas de conversas, eram desconsideradas nas festas, e ainda que vivessem num vilarejo onde não

houvesse animosidade, ou pertencesse a uma comunidade que a respeitasse, ainda que estéril, ela sentia-se perdida num mundo de interação social que girava em torno dos filhos e filhas. Enquanto o marido vivesse, ainda havia um cuidado especial, mas a morte do esposo a conduziria a um isolamento profundo. E doloroso.

Ana viveu a cerca de 3000 anos atrás. Viveu no oriente, numa região montanhosa da atual Palestina, na terra de Israel, num mundo de divindades tutelares, de centenas de deusas da fertilidade, um mundo de rituais mágicos, de fórmulas e encantamentos, num mundo governado pelos poderes de entidades, espíritos e assombrações. Num mundo de superstição e magia. Ana foi tomada como a segunda esposa de um homem de Efraim, que frequentava ao templo da divindade mais estranha da antiguidade. Um Deus que não possuía imagens, de sacerdócio que não tinha deusas da fertilidade. Um "deus novo", que fora adotado por seu povo, uma nação recém-formada a partir de um evento milagroso, onde o povo escravo do Egito fora tornado livre pela ação da estranha divindade.

Esse "Deus" desconhecido revelou instruções, criou um sacerdócio, um ministério, uma religião diferente e única, a que ela e seu esposo pertenciam. A história desse novo culto começara com um profeta de nome Moisés, e se realizava ao redor e no interior de uma tenda gigantesca, que denominavam tabernáculo, que fora transportado por quarenta anos no deserto e que agora ficava fixo numa região chamada Siló. E permaneceu ali por cerca de 400 anos. Todas as grandes festas instituídas por Moisés aconteciam, nesse tempo, ao redor deste tabernáculo. Anualmente milhares de israelitas afluíam para os eventos relacionados ao tabernáculo.

Ana e Penina eram esposas de Elcana, da tribo de Efraim, e moravam cerca de 25 km de distância de Siló. O mundo da antiguidade praticava ao casamento monogâmico somente em sua minoria. Por padrão os povos aceitavam a poligamia e o concubinato. A perda da exclusividade da primeira esposa poderia acontecer de diversos modos. Porém, a partir daí, iniciava-se uma competição por afeto e atenção que se desenvolveria, talvez, até a morte do marido.



Dentro desse contexto de competição pelo afeto, a mulher mais jovem levava vantagens, e Penina odiava a Ana porque Elcana demonstrava diversas vezes sua predileção por Ana. Penina contudo tinha a seu favor uma invejável fertilidade. Penina a cada ano concedia filhos e mesmo filhas para Elcana, e a cada ano que voltavam a Siló, aumentava o número de participantes das festas. Penina já possuía pelo menos dois meninos e duas meninas enquanto Ana amargava cerca de 7 ou 10 anos de esterilidade. Cada ano mais ela perdia as esperanças, e sua rival aproveitava a festa como o ponto culminante para sua humilhação. Sempre que tinha oportunidade de alfinetar a Ana, Penina caçoava dela. Mas a festa de celebração em Siló era o ápice de sua maldade, Era onde estavam reunidos a parentela de Elcana, onde todo o vilarejo e as demais mulheres participavam de refeições comunitárias, banquetes e danças públicas. Onde Penina podia mostrar suas crianças às outras mães, e dizer para as outras como Deus estava lhe abençoando cada vez mais. E teatralizar o drama de Ana, convidar as outras para uma falsa consolação, parecer entristecida da condição da rival e pelas costas amaldiçoa-la para que pudesse dispor cada vez mais de Elcana. Então Ana se

fechava, calava-se, aquietava-se, numa grandiosa festa de celebração, cercada de música, danças, vinho, carne, especiarias e pão. Elcana tentava motivá-la, em vão. A crise que ela vivia era dolorosa demais, agravada pela zombaria de Penina, mas era uma realidade incontornável. Ela envelhecia, e em breve viveria num mundo solitário, sem levar ou deixar nada, pois a herança de Elcana iria para os filhos de Penina, que certamente a expulsaria de casa assim que seu esposo morresse. Ela mesma não poderia dar continuidade ao milagre da vida, continuidade ao nome do esposo, continuidade nela mesma, à herança de seus pais. Sem filhos, não poderia também abençoar, sustentar, apoiar ou ajudar a seus pais. Que por sua vez não se alegrariam com netos. Então ao sétimo ou oitavo ano de zombaria, Ana ruiu. Em depressão profunda se afastou das festas, e sozinha em desespero, após uma refeição ao entardecer, após outras zombarias e brincadeiras de Penina, foi até a frente do antigo tabernáculo. Cerca de quatro horas da tarde Ana começou a chorar em silêncio. E começou a fazer algo que os povos da antiguidade desconheciam. Uma oração em silêncio. Ana chorava e pranteava, sem som. E balbuciava sua oração, somente mexendo seus lábios. O sumo sacerdote do tabernáculo, Eli, a viu de pé, sozinha, e ao ver o que ela fazia, sem nunca ter visto uma cena com essa, a imaginou louca. Ou bêbada. Ana faz uma oração curta. Ela tem pouco tempo antes que notem sua ausência, se recomponha e volte aos locais de celebração.

"Senhor dos céus, se olhar para o meu sofrimento e responder à minha oração dando-me um filho, então eu darei esse filho de volta ao Senhor; ele será seu por todos os dias da sua vida, e os seus cabelos nunca serão cortados."

Ana fez um voto de dedicar seu filho a Deus, de consagrá-lo a seu serviço e de que ele seria um nazireu, um tipo de voto sagrado semelhante ao que Sansão participou.

Eli compreendeu que ela orava angustiada, sem saber o que ela pedia. E complementa sua oração, pedindo que Deus atendesse o que ela necessitava. E assim que terminou de orar algo mudou no coração de Ana. E também em seu corpo.

O menino que dela nasceu foi o primeiro de um total de sete crianças. E foi também um homem especial. Ana deu luz a mais poderoso profeta que o mundo da antiguidade havia visto, desde Moisés. Seu nome, Samuel. Foi ele que inspirou a lenda literária do mago Merlin. E foi ele que consagrou a Saul e a Davi.

Ana entoará um dos belos cânticos das Escrituras, em adoração a Deus. E lembrará que a mulher sem filhos receberá sete filhos do Senhor, que os soberbos serão humilhados, que os humildes serão exaltados. Que Deus olhou para o mundo, olhou para ela, e atentou para seu fracasso, para sua vergonha e para sua humilhação. E ouvindo sua voz, mudou o curso da história.



O profeta enchia um chifre ou marfim de azeite e o derramava sobre a cabeça de um homem que seria consagrado como rei.

Ana derramou seu coração, venceu a esterilidade, e ainda, ajudou a cumprir propósitos divinos, que alcançam a toda a humanidade.

Que Deus possa ouvir nossa voz, ainda que sem som algum. Como um dia ouviu a inaudível voz de Ana.

Wellington Corporation

I Samuel

HAVIA UM HOMEM chamado Elcana, da tribo de Efraim; Elcana morava em Ramataim-Zofim, na região das montanhas de Efraim. Elcana era filho de Jerorão; Jerorão era filho de Eliú, Eliú era filho de Touú, Touú era filho do efraimita Zufe.

2 - Elcana tinha duas mulheres: uma se chamava Ana; o nome da outra era Penina; Penina tinha filhos, mas Ana não tinha nenhum.

3 - Todos os anos Elcana e suas famílias faziam uma viagem até ao Tabernáculo, em Silo, a fim de adorar ao Senhor dos céus, e oferecer sacrifícios a Ele. (Os sacerdotes que estavam de serviço nesse tempo eram os dois filhos de Eli - Hofni e Finéias.)

4 - No dia em que Elcana oferecia o seu sacrifício, ele comemorava o acontecimento feliz, dando presentes a Penina; além disso, dava presentes também aos filhos dela;

5 - embora ele amasse muito a Ana, ele só podia dar a ela um presente, porque o Senhor fez com que Ana não tivesse filhos.

6 - Acontece que Penina piorava a situação, porque fazia muita coisa para deixar Ana irritada pelo fato de o Senhor não lhe permitir ter filhos.

7 - E todos os anos era a mesma coisa - Penina caçoava de Ana, e a provocava quando iam a Silo; por isso Ana chorava muito, e não tinha nem vontade de comer.

8 - "Que está acontecendo com você, Ana?" perguntou o marido. "Por que não come? Por que você fica tão triste pelo fato de não ter filhos? Ter a mim como marido não é melhor do que ter dez filhos?"

9 - Certo dia, após a refeição da tarde, quando ainda estavam em Silo, Ana foi ao Tabernáculo. O sacerdote Eli estava assentado no seu lugar de costume, ao lado da entrada.

10 - Ela estava sentindo uma profunda angústia e chorava amargamente, enquanto fazia sua oração ao Senhor.

11 - Ana fez este voto: "Senhor dos céus, se olhar para o meu sofrimento e responder à minha oração dando-me um filho, então eu darei esse filho de volta ao Senhor; ele será seu por todos os dias da sua vida, e os seus cabelos nunca serão cortados."

12 e 13 - Eli percebeu que a boca de Ana se mexia enquanto ela orava em silêncio, do fundo do coração, porém não ouvia som algum; então ele pensou que Ana estivesse embriagada.

14 - "Era preciso vir aqui embriagada?" perguntou Eli. "Afasto-se desse vício."

15 e 16 - "Por favor, senhor!" respondeu ela, "não estou embriagada! Estou muito triste, isso sim, e estava abrindo meu coração diante do Senhor. Por favor, não pense que sou apenas uma mulher embriagada! Oro assim por sofrer grande preocupação e aflição."

17 - "Nesse caso", disse Eli, "tenha bom ânimo! Levante-se, vá em paz, e que o Senhor de Israel conceda o que você pede, seja lá o que for!"

18 - "Oh, senhor, muito obrigada!" Ana exclamou. Voltou feliz, e começou a se alimentar de novo. A tristeza desapareceu do seu rosto!

19 e 20 - A família inteira se levantou bem cedinho na manhã seguinte, e foi ao Tabernáculo adorar o Senhor uma vez mais. Depois voltaram para casa, em Ramá. Quando Elcana deitou-se com Ana, o Senhor se lembrou dela; e, passado o devido tempo, ela teve um filho, e deu a ele o nome de Samuel (que significa "pedido a Deus") porque, conforme ela disse: "Eu o pedi ao Senhor."